

CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO SUJEITO SURDO EM CHARGES QUE CIRCULAM NA INTERNET

Elaine da Silva Reis

Universidade Federal da Paraíba- elainereis1406@gmail.com

Resumo: Este trabalho voltou-se para a investigação da constituição do sujeito surdo em charges que circulam na internet. Para tanto, tomou como perspectiva teórica, além das contribuições dos Estudos Surdos, os conceitos de identidade e estereótipo dos Estudos Culturais e os conceitos foucaultianos de Discurso, Vontades de verdade e Relações de poder. Trata-se de uma pesquisa documental, de tipo descritiva e explicativa, cujo corpus é formado por quatro charges que trazem em sua materialidade a representação do sujeito surdo. Para tanto, buscou-se problematizar os lugares outorgados ao surdo na referida esfera eletrônica, bem como os estereótipos relacionados a esse sujeito disseminados pelas charges. Ao longo deste estudo, foi possível identificar as vontades de verdades relacionadas ao sujeito surdo em charges que circulam na internet; examinar as relações de poder e os lugares outorgados ao surdo na referida esfera eletrônica e apresentar os estereótipos relacionados ao sujeito surdo disseminados pelas charges. Diante disso, viu-se que em relação ao sujeito surdo ainda pairam determinadas vontades de verdade como: o surdo é inferior ao ouvinte, o surdo é incapaz de desempenhar papéis importantes na sociedade, cabendo ao mesmo o lugar da dependência em relação aos ouvintes. Além disso, identificou-se estereótipos que depreciam a identidade do sujeito surdo na sociedade como os de deficiente, incapaz, frágil e passivo. Embora a constituição do sujeito surdo na maioria das charges se dê a partir de um lugar desprestigiado nas relações de poder, vimos que há charges que sinalizam as lutas e as conquistas dos surdos perante o sistema ouvintista que os cerca.

Palavras-chave: Surdo, Charge, Discurso.

Introdução

Os Meios de Comunicação de Massa, a exemplo da internet, funcionam como ferramentas eficazes na disseminação de discursos que constituem diversas identidades. Através de gêneros discursivos como as charges, a internet favorece a materialização de vontades de verdade, alicerçadas em dizeres consolidados no decorrer da história, que podem difundir estereótipos das identidades de determinados sujeitos (como a do surdo) no imaginário social.

Os discursos apresentados nas charges estão fundamentados em uma memória coletiva, construída ao longo da história. Por isso, longe de qualquer ingenuidade, as charges, assim como os demais textos que circulam na sociedade, buscam influenciar seu interlocutor, de acordo com determinadas vontades de verdade. Logo, esses textos precisam ser lidos como um produto sócio histórico e ideológico que se concretiza com a história e com a memória.

Acreditamos que esse gênero discursivo, na tentativa de esboçar uma realidade atual da situação do surdo diferenciada da que era relegada a esse sujeito no decorrer da história, acaba recuperando vontades de verdade que enfatizam a questão da deficiência e da incapacidade do surdo diante do mundo dos ouvintes.



Pensando nisso, o presente trabalho busca investigar a construção discursiva do sujeito surdo em charges que circulam na internet, problematizando os lugares outorgados ao surdo na referida esfera eletrônica e os estereótipos relacionados a esse sujeito disseminados pelas charges.

Para tanto, busca respaldo teórico nos conceitos foucaultianos e nos Estudos Culturais, seguindo metodologicamente pelo caminho da pesquisa documental, de tipo descritiva e explicativa. De um universo de quinze charges que circulam na internet, trazendo a representação do sujeito surdo, foram selecionadas quatro que apresentam mais elementos linguísticos e discursivos necessários para o alcance da pesquisa.

Libras, história do surdo e sua repercussão nas charges

A sociedade, no decorrer da história, sempre apresentou uma ideia negativa acerca da pessoa surda. Na Antiguidade os surdos eram vistos de formas variadas, com piedade e compaixão. Eram entendidos como pessoas castigadas pelos deuses ou como pessoas enfeitiçadas e por isso eram abandonados ou sacrificados. Criou-se, nessa época, a ideia de que os surdos eram seres primitivos, sendo assim não poderiam ser educados, eles viviam à margem da sociedade e não tinham nenhum direito garantido. Essa compreensão persistiu até o século XV.

A partir do século XVI, surgiram os primeiros educadores de surdos, eles criaram diferentes metodologias para ensinar aos surdos. Alguns educadores se baseavam no método da língua oral, utilizada em seu país. Neste momento acreditava-se que o surdo poderia desenvolver-se como os ouvintes: aprendendo a língua oral. Outros pesquisaram e defenderam a língua de sinais que foi criada pela comunidade surda através de gerações. Também foi criado por outros educadores códigos visuais, que não se configuraram como uma língua.

O século XVIII é considerado o período mais fértil da educação dos surdos, pois um aumento de escolas para os mesmos e passou-se a reconhecer a utilização dos sinais como método adequado para os surdos aprenderem a língua. Diante disso, passaram a dominar diversos assuntos e a exercer várias profissões. A partir de 1970, a língua de sinais veio a ser utilizada, oficialmente, independentemente da língua oral, ou seja, o surdo teve liberdade para utilizar a língua de sinais independente da língua oral e não as duas, concomitantemente, como até então estava sendo usada.



A partir dessa perspectiva mais ampla em torno da importância da língua de sinais para os surdos, passou-se a desenvolver estudos que desmistificam algumas crenças que envolvem essa língua como, por exemplo, o fato de que a mesma não é universal, tendo em vista que, assim como outras línguas naturais, é consolidada de acordo com as necessidades reais de seus usuários, ou seja, “Em qualquer lugar em que haja surdos interagindo, haverá língua de sinais” (GESSER, 2009, p.12).

Sendo assim, a língua de sinais varia não só entre países, mas também a partir de fatores históricos, sociais, regionais e outros que marcam da mesma forma as variações existentes nas mais variadas línguas. Gesser (2009) defende que as línguas de sinais se assemelham as línguas orais no que diz respeito a sua estrutura, já que também “são formadas a partir de unidades simples que, combinadas, formam unidades mais complexas” (GESSER, 2009, p.19) e se diferenciam quanto à forma, tendo em vista que, enquanto as línguas orais se dão através do par vocal/auditivo, as linguagens de sinais se apresentam por meio do par visual/gestual.

Dadas as variações, a língua oficial dos surdos, no Brasil, recebe a nomenclatura de Língua Brasileira de sinais (LIBRAS) e, assim como a língua portuguesa, possui um alfabeto manual que “tem uma função de interação entre os usuários da língua de sinais.

Desde a regulamentação da Lei nº 10.436 de Abril de 2002, que reconheceu a Libras, a língua dos surdos, como oficial no Brasil, reafirmada pelo decreto nº 5.626 de 22 de Dezembro de 2005, os sujeitos surdos passaram a ter uma visibilidade maior na sociedade, embora continuem lutando para que seus direitos sejam garantidos de fato, fazendo com que não só se tornassem objeto de interesse de estudos acadêmicos como também de temas propagados na mídia eletrônica, como é o caso das charges que circulam na internet.

Por se tratar de textos curtos que contêm a representação de fatos associados ao contexto econômico, social e cultural não só por meio da linguagem verbal como também por imagens e pelo humor, as charges tendem a chamar a atenção dos leitores, principalmente dos internautas.

A produção de sentidos dos textos se dá a partir de discursos que alicerçam dadas vontades de verdade e relações de poder, marcando diferentemente a imagem e os papéis a serem ocupados pelos sujeitos na sociedade, a exemplo do sujeito surdo. Por isso, é importante atentar para o fato de que camuflados pelo humor, discursos depreciativos que sedimentam práticas humilhantes e excludentes em relação a determinadas identidades, como a dos surdos, são naturalizados, podendo contribuir para a efetivação de práticas violentas contra os sujeitos.



A memória coletiva permite recuperar o papel do surdo ao longo da história, mostrando que o sujeito surdo ocupou um lugar marginalizado na sociedade brasileira. Os surdos eram vistos como deficientes, incapazes e até como loucos. Sobre estes sujeitos pairava a ideia da inutilidade, da compaixão.

Durante muito tempo vigorou a vontade de verdade de que o surdo era um coitado que deveria viver sempre a mercê do auxílio dos ouvintes. Nas relações de poder entre surdos e ouvintes estava bem definido o lugar de supremacia ocupado pelo ouvinte, restando ao surdo o lugar da inquestionável subserviência e da passividade.

No entanto, com o passar dos tempos, os surdos foram mostrando à sociedade que têm uma cultura própria centrada principalmente em sua forma de comunicação. Os membros de uma Cultura Surda se comportam como pessoas surdas, usam a língua de sinais como sua principal identificação e compartilham das crenças das pessoas surdas entre si e com pessoas que não são surdas.

No contexto das pessoas surdas, o termo cultura está relacionado à questão da identidade, tendo em vista que representa um modo particular de apreender o mundo. A cultura, segundo Padden (1989, p. 5) é o resultado de um conjunto de comportamentos aprendido de um grupo de pessoas que possui sua própria língua, valores, regras de comportamento e tradições.

Os surdos apreendem o mundo e compartilham valores utilizando uma comunicação espaço-visual, em substituição à audição e à fala. Logo, o sujeito surdo é diferente do ouvinte não apenas pela forma como se comunica, mas também porque apresenta habilidades psicológicas e culturais próprias. Em quase todas as cidades do mundo pode-se encontrar associações de surdos onde eles se reúnem e convivem socialmente. De acordo com Felipe (2001), ser Surdo é fazer parte de uma cultura e de uma comunidade Surda, é atuar politicamente para ter seus direitos de cidadania e linguísticos respeitados.

Sendo assim, partindo da representação do surdo e da história desse sujeito, ao contrário do que aparenta, acreditamos que as charges que circulam na internet acabam reforçando estereótipos antigos e, conseqüentemente, marcando de forma negativa as constituições identitárias em torno da figura desse sujeito na contemporaneidade.

Constituição identitária e construção discursiva

Iniciando pela questão do sujeito, este trabalho parte da ideia de que o sujeito seja “essencialmente heterogêneo, clivado, dividido” (MUSSALIM, 2001, p, 134), por estar



afetado pelo inconsciente. Esse descentramento entre o consciente e o inconsciente proveniente da relação estabelecida entre o eu e o outro faz com que o sujeito deixe de ser visto como um indivíduo que tem controle total sobre o dizer, tendo em vista que seu discurso é atravessado por diferentes vozes.

Assim, o discurso é constituído a partir das imagens que o sujeito faz de si e de seu interlocutor, do lugar ocupado por ambos no contexto da enunciação e do próprio discurso. Diante disso, é possível compreender que o sujeito não é visto em sua condição individual, mas a partir de uma posição, de um lugar enunciativo ideológico.

Logo, há um conjunto de diferentes posições de sujeito, que demonstram diferentes formas de se relacionar com a ideologia, fazendo com que a forma-sujeito seja fragmentada pelas diferentes posições do sujeito. Tais considerações sobre o sujeito possibilitam uma aproximação com a discussão sobre o conceito de identidade presente nos Estudos Culturais.

Segundo Hall (2006), mediante o fenômeno da pós-modernidade, a identidade não pode mais ser vista como um construto fechado em si mesmo, tendo em vista que se apresenta como algo fragmentado e descentrado que desloca o sujeito para diferentes posições sociais.

Nessa perspectiva, o conceito de identidade passa a ser visto como uma construção sócio-discursiva associada a uma memória que se materializa nas práticas sociais, formando diversas identidades culturais em processo constante de transformação no curso da história.

Sendo assim, os sujeitos passam a ocupar seus diferentes lugares identitários na diferença com o outro a partir de um processo de representação simbólica que se manifesta por meio da linguagem. Silva (2000, p. 79) defende que as identidades “não podem ser compreendidas [...] fora dos sistemas de significação nos quais adquirem sentidos. Não são seres da natureza, mas da cultura e dos sistemas simbólicos que a compõem”.

Essa ideia permite perceber que a identidade e a linguagem estabelecem relações de indeterminação e instabilidade que estão ancoradas nas relações de poder. A identidade se desenvolve não apenas por meio de um processo interno, mas, sobretudo, através de um processo externo de práticas discursivas. “A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação” (SILVA, 2000, p. 97).

Essas representações associadas à identidade encontram-se, também, ligadas a um conceito bastante forte para a construção e a disseminação das imagens de determinados sujeitos na sociedade, a saber: estereótipos. Silva (2000, p. 98) apresenta esse conceito como “imagens do outro que são fundamentalmente errôneas”.

Apesar dos estereótipos serem encontrados, normalmente, como um dado universal, como uma representação que não está inserida em uma determinada condição histórica de



produção, Possenti (2010, p. 40) mostra que, na verdade, os estereótipos “são construídos produzidos por aquele(s) que funciona(m) como o(s) Outro(s) para algum grupo”. Isso não quer dizer que o estereótipo esteja sempre ligado a uma representação negativa da identidade, mas que se pauta em um padrão fixo ou geral para produzir falsas generalizações identitárias.

Diante desse panorama, neste trabalho compreende-se o estereótipo como uma forma aligeirada/apressada de categorizar as identidades que constituem determinados sujeitos. Por meio dos estereótipos, em grande parte dos textos, são disseminados hábitos de julgamento que corroboram com a vulgarização e agressão a determinadas identidades, como a do surdo, auxiliando na reprodução do preconceito e da intolerância.

Em se tratando da construção discursiva, acreditamos que produção de sentidos dos textos se dá a partir de discursos que alicerçam dadas vontades de verdade e relações de poder, marcando diferentemente a imagem e os papéis a serem ocupados pelos sujeitos na sociedade, a exemplo do sujeito surdo. Logo, compreendendo que a construção identitária se dá a partir da memória social, do contexto histórico e do que pode/deve ser dito a partir de um determinado lugar social, este trabalho toma a concepção defendida por Foucault de discurso como um conjunto de enunciados apoiados na mesma formação discursiva.

Esses enunciados são disseminados no meio social através das relações de comunicação que propagam determinadas vontades de verdades que figuram como verdade em dado momento sócio histórico e ideológico. Segundo Foucault, as vontades de verdade são um conjunto de regras de produção de verdade, pois não existe uma verdade absoluta, mas “temas fabricados em um momento particular da história” (FOUCAULT, 1995, p. 282), conforme se pode ver, por exemplo, na mídia.

Assim, as vontades de verdade se tornam politicamente eficazes, pois é através delas que, mesmo que não aceitem pacificamente, os indivíduos acabam se identificando com um dado modelo social e nele se incluem, constituindo-se como sujeitos. Essas vontades de verdade, além de valores e crenças, podem reafirmar preconceitos e sedimentar intolerâncias em relação a determinados sujeitos, a exemplo do surdo nas charges. Segundo Leite (2008, p. 20), “o preconceito é a ideia, a opinião ou o sentimento que pode conduzir o indivíduo à intolerância, à atitude de reagir com violência ou agressividade a certas situações”. Identificando-se com esses modelos, o sujeito fica “preso a uma verdade produzida pelo poder e às práticas que o transformam em objeto” (SILVA, 2000, p. 30).

De acordo com Foucault, o poder moderno, ao contrário da repressão e da transcendência, é caracterizado pelo controle do indivíduo através da manipulação sutil. Essa



forma do exercício do poder alicerça-se no poder pastoral, não mais associado apenas a uma instituição religiosa, mas espalhado por todo corpo social, através das vontades de verdade.

Conforme aponta Foucault (1995, p. 235), essa forma de poder une o indivíduo “à sua própria identidade, impõe-lhe uma lei de verdade, que devemos reconhecer e que os outros têm que reconhecer nele”. Essas vontades de verdade transitam de acordo com as relações de poder, determinando o modo verdadeiro de ser sujeito.

Representação do sujeito surdo nas charges

Para investigar como se dá a construção discursiva em torno do sujeito surdo nas charges, faz-se necessário observar não só os recursos verbais, mas também os imagéticos, tendo em vista que “o funcionamento da eficácia simbólica e semântica da imagem faz com que ela funcione como um operador de memória social” (BARBOSA, 2003, p. 118). Sendo assim, as imagens presentes nas charges são caracterizadoras primordiais do gênero, que contribuem para a construção dos sentidos. Passando a análise, serão apresentadas quatro charges, seguidas de suas respectivas possibilidades de leituras discursivas:

Charge1



Conforme se pode observar, desde seu título “Dia do Surdo-Mudo”, a charge acima exposta fundamenta-se na em uma vontade de verdade oriunda da memória coletiva que ao longo da história definiu o surdo como um sujeito sem voz, como mudo, aquele que não tem uma língua e, conseqüentemente, não pode se expressar, recluso no mundo do silêncio.

Como fora discutido, na atualidade, essa vontade de verdade é refutada pela comunidade surda e também pelos estudiosos dessa comunidade, já que os surdos têm uma língua, no caso do Brasil, a LIBRAS, logo, podem se comunicar, expressar seu pensamento e sua cultura, por isso assumem a identidade de surdo e não mudo, como muitos os rotulam e aparece estereotipadamente nessa charge.



Também nas falas atribuídas aos personagens, vê-se que a personagem feminina, ao deparar-se com o surdo parado lhe pergunta “Qual é o seu problema?”. Sem obter nenhuma resposta do personagem surdo, é necessária a inserção de um outro personagem ouvinte para lhe explicar que aquele a quem a mesma dirigia à palavra “não fala”. Diante dessa informação, a personagem bastante irritada lança outra pergunta ao surdo: “Vai ficar aí parado fazendo o que?”.

Através dessa representação, observa-se que a imagem do sujeito surdo é construída a partir de um estereótipo negativo da surdez como algo que torna o surdo como um sujeito totalmente passivo e incapaz, que é inferior ao ouvinte, necessitando de compaixão e de auxílio para se comunicar.

Atentando para as imagens, podemos perceber ainda que o surdo aparece sem boca em quase todos os quadrinhos, tendo a mesma aparecido apenas no segundo quadrinho, de forma fechada e trêmula, mostrando novamente a impossibilidade de comunicação. Seguindo essa ideia, a boca da personagem ouvinte é retirada exatamente no quadrinho em que espera em vão uma resposta do personagem surdo e no quadrinho em que o outro personagem ouvinte aparece para lhe revelar que o surdo não pode falar. Passemos a análise da segunda charge.

Charge 2



Pautada na crítica em relação à poluição sonora no meio ambiente, principalmente, fazendo referência ao momento político no qual os carros saem em alto volume, pedindo votos para os candidatos, a charge a cima apresentada retrata um ouvinte desesperado com o barulho, dizendo que o surdo é que é feliz por não estar sendo afetado por toda aquela poluição sonora, tendo em vista que não é capaz de ouvir.

Com isso, mais uma vez, embora tente mostrar que o surdo está em uma condição privilegiada em relação ao ouvinte pelo fato de não sofrer os malefícios sonoros daquela poluição, a construção discursiva da charge parte da ratificação da incapacidade auditiva do surdo, chamando atenção para o fato de que o mesmo está alheio ao que ocorre à sua volta.

Essa vontade de verdade também é bastante contrariada pelos surdos e pesquisadores da área, pois embora não escutem, muitos surdos são extremamente engajados politicamente e



estão sempre a par das discussões políticas que envolvem a sociedade, principalmente, no período das eleições.

Observamos também que, seguindo o mesmo viés discursivo que retrata o sujeito surdo como coitadinho, a charge traz a imagem do surdo associada à imagem de um mendigo. Dessa representação, pode-se recuperar a vontade de verdade que relega ao surdo o lugar da incapacidade profissional, restando ao mesmo mendigar a ajuda dos outros. Vejamos as leituras provenientes da charge a seguir.

Charge 3



Partindo de uma aparente ideia de concordância em relação à superação do surdo em meio à sociedade, a charge acima apresentada traz a imagem do surdo associada à imagem de um super-herói.

Utilizando a palavra “Super-Surdo” para nomear o personagem surdo, a charge retrata uma situação de violência, bastante comum na sociedade contemporânea, mostrando que (mesmo sendo considerado Super), o surdo é incapaz de resolver a situação que se esperava que fosse solucionada por um super-herói tradicional (ouvinte), que era salvar uma mulher do perigo ao gritar por socorro.

Novamente, essa charge apoia-se na vontade de verdade que enfatiza a incapacidade do surdo de resolver problemas, devido ao fato de não ouvir. As imagens mostram o personagem surdo bastante sossegado com seu uniforme de super-herói enquanto atrás de si uma mulher está sendo supostamente sequestrada, gritando para que o mesmo a proteja, o que é em vão, pois o surdo se quer vira para ver o que está acontecendo.

No desfecho, a fim de provocar um efeito humorístico, o super-surdo, que continua na mesma posição do primeiro quadrinho, suspira aliviado acreditando que não aconteceu nada de mal naquele dia, chegando a pensar aliviado a expressão “Ai, ai, mais um dia tranquilo”. Com isso, entende-se que mais um dia ocorre situações de perigo para outras pessoas, mas o surdo não tem como ajuda-las, pois não as ouve pedir socorro e acredita que esteja tudo bem.

Podemos compreender essa charge como uma crítica à violência que toma conta da sociedade e à polícia que não resolve nada, age como se não ouvisse o clamor de socorro da população, mas para que essa crítica ocorresse, a construção discursiva da charge se pauta na



imagem estereotipada do surdo, mais uma vez, como um sujeito que, mesmo tendo passado a ocupar novos lugares na sociedade, continua sendo visto na meio social pela sua deficiência, pela perda auditiva e, conseqüentemente, pela incapacidade de corresponder às expectativas da contemporaneidade. Passemos a análise da quarta charge:

Charge 4



educacaoespecialemcontextouepa.blogspot.com 486 x 417

Ao contrário das charges analisadas anteriormente, a charge exposta a cima não traz um recurso imagético representando o surdo em si, mas utiliza o profissional que está diretamente ligado à imagem do surdo na sociedade, que é o intérprete de língua de sinais. Profissão que surgiu legalmente após o reconhecimento da língua de sinais como língua dos surdos, o intérprete passou a ser um canal de comunicação entre os surdos e os ouvintes que não sabem a língua de sinais.

Através de um diálogo estabelecido por meio telefônico, essa última charge, inscrita em uma construção discursiva diferente das demais charges, traz uma crítica à ignorância das pessoas em relação não só ao trabalho do intérprete, como também à língua de sinais e ao próprio sujeito surdo.

Nessa charge há uma vontade de verdade diferente das demais charges analisadas anteriormente. Nela, através da fala do intérprete, são desmistificados alguns preconceitos e estereótipos em relação tanto ao intérprete quanto à língua de sinais e ao surdo. Desde o título “Vida de intérprete de língua de sinais”, a charge chama atenção para o cotidiano de uma profissão ainda desconhecida por muitas pessoas na sociedade.

A partir dessa chamada, a charge passa a mostrar a problemática enfrentada pelos surdos e intérpretes da língua de sinais. Inicialmente, o interlocutor telefona para o intérprete a fim de solicitar seus serviços, utilizando uma frase repleta de estereótipos negativos em relação ao surdo e ao que cerca esse sujeito: “você é o rapaz que faz mímica pra surdo-mudo?”.

Na seqüência, o próprio personagem intérprete se encarrega de informar a pessoa que ligou sobre as nomenclaturas apropriadas, não estereotipadas, para se referir ao surdo e ao que



o cerca: ao invés de “rapaz que faz mímica”, tradutor e intérprete, diferente de ser mímica, língua de sinais e, ao contrário de surdo-mudo, surdo.

Por meio dessa resposta, a charge traz à tona a discussão que vem sendo promovida pela comunidade surda e estudiosos da área em busca de lutar pelos seus direitos e fazer com que a sociedade entenda e respeite a língua dos surdos como uma língua, que assim como as demais, possui o *status* de língua, não sendo um aglomerado de gestos desconexos.

Conseqüentemente, essa materialidade discursiva mostra o tradutor e intérprete de língua de sinais como um profissional e não como uma pessoa qualquer que faz mímica também apresenta o surdo como sujeito surdo, que tem uma língua, que fala através das mãos, logo, não é mudo, mas surdo apenas.

Por fim, a charge mostra que o interlocutor (representando os ouvintes que não conhecem o contexto do surdo), mesmo depois da explicação do intérprete continua sem entender e retoma a questão inicial da charge. Há ainda um caminho longo a ser trilhado e muito trabalho a ser feito para que os surdos, as línguas de sinais e os intérpretes dessas línguas mudem a forma pela qual são retratados na sociedade.

Considerações finais

O desenvolvimento deste trabalho possibilitou a constatação de que a charge, enquanto materialidade discursiva, é permeada por formações ideológicas e discursivas filiadas à memória decorrente do imaginário social. Isso faz com que determinados dizeres dialoguem com outros momentos históricos, deslocando sentidos cristalizados na memória discursiva dos sujeitos.

Este estudo propiciou a realização de uma leitura menos ingênua em relação às vontades de verdade e estereótipos que constituem o sujeito surdo nas charges que circulam na internet, fazendo com que estereótipos que auxiliam na depreciação desse sujeito na sociedade fossem evidenciados.

Através desta pesquisa viu-se que em relação ao sujeito surdo ainda pairam determinadas vontades de verdade como: o surdo é inferior ao ouvinte, o surdo é incapaz de desempenhar papéis importantes na sociedade, cabendo ao mesmo o lugar de dependência da piedade dos ouvintes.

Este estudo também favoreceu a percepção de que as marcas linguísticas denunciam, além dos sentidos produzidos sócio historicamente, aspectos marcantes da cultura ouvinte em



relação ao surdo que reforçam os estereótipos decorrentes das vontades de verdade sobre o que é ser surdo.

Sem a pretensão de fechar as leituras das letras das charges aqui analisadas nessa possibilidade de leitura, esse trabalho passa a ser finalizado, mostrando que a construção discursiva do sujeito surdo nas charges se dá a partir de um lugar desprestigiado nas relações de poder em relação ao sujeito ouvinte.

Sobre esse sujeito pairam, na maioria das charges analisadas, determinadas vontades de verdade e estereótipos que o marcam como incapaz, como um ser fraco e passivo não só diante dos ouvintes, mas também perante todo o sistema que o cerca. Porém, vimos também que já existem charges que destacam a questão do preconceito que afetam ainda muitos ouvintes, na maioria das vezes devido à falta de informação, em relação aos surdos e sua língua.

Esperamos que não só na internet mais em outros meios de comunicação possam surgir charges e outros gêneros discursivos que, ao invés de destacarem e disseminarem apenas os limites, possam dar voz ao sujeito surdo, evidenciando e valorizando suas potencialidades.

Referências bibliográficas

BARBOSA, P. L.N. O papel da imagem e da memória na escrita jornalística da história do tempo presente. In: GREGOLIN, M.R. **Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos, Claraluz, 2003.

FELIPE, T. **Libras em contexto: curso básico**, livro do estudante/cursista. Brasília: Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos, MEC: SEESP, 2. ed, 2001.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In.: DREYFUS. H. e RABINOW, P. **Michel Foucault: uma trajetória. Para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense, 1995.

GESSER, A. **LIBRAS?: Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LEITE, M. Q. **Preconceito e intolerância na linguagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

PADDEN, C. The deaf community and the culture of deaf people. In: WILCOX, S. (Ed.) **American Deaf Culture: na anthology**. Burtonville, MD: Lindtok Press, 1989.

POSSENTI, S. . **Humor, Língua e Discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.

SILVA, T. T. (org.). **Identidade e Diferença**. A perspectiva dos estudos culturais. 2ed, Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.